**Padre Júlio Lancellotti - dádiva e gratidão**

O que faz a estrada?

É o sonho. Enquanto a gente sonhar,

a estrada permanecerá viva.
(Mia Couto)

Pe. Júlio Lancellotti, quero contar para você um sonho que tive. Os sonhos trazem ideias e existências adormecidas. Os sonhos nos ajudam a enxergar além dos olhos. Diferente das ideias dos políticos que enxergam perto (só interesses). Nem quero comentá-las. No meu sonho, foi criado o “Dia do Povo da Rua”. Engraçado, ter um dia seria o caminho para ter uma vida digna. Assim, seriam criados voluntários para amparar os necessitados – médicos (sem fronteiras/sem convênios) grupos e movimentos socialmente engajados para promover o bem comum. Algo sublime estava nascendo – projetos, comissões, organizações com as pessoas que moram na rua. Um detalhe: era uma iniciativa da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Um sonho de “fraternidade e amizade social”. Um gesto/clima de união, afeto e encontros.

À luz da Campanha da Fraternidade, seriam incluídas experiências de educação popular de diversos grupos, movimentos e outras religiões (“Outro cristianismo é possível”). O objetivo: inaugurar motivações e trabalhos em reciprocidade com o Povo da Rua. Mais ainda: abrir caminhos para que o Dia do Povo da Rua tivesse mais de 24 horas (um calendário longo). O sonho e a realidade estariam tecendo uma grande parceria para uma convivência humanizadora. O protagonista seria a própria causa.

Cuidar de carentes, pobres e necessitados é um caminho para construir e fortalecer a unidade. O cuidado faz a diferença. Todo gesto fraterno tem um grande eco – a partilha (dádiva). Parece com uma parábola: “A vinda do Reino de Deus é como um aperto de mão. Se não havia amizade, ela nasce. Se já existia, ela se firma” (Mateus, 14, 28-3; Romanos 2, 9).

Caro Pe. Júlio, “quem sonha, seus males espanta”. Isso mostra que seu trabalho educativo já começou. Você já ensaiou um caminho de forma educativa, libertadora, crítica e com grande sensibilidade. Abriu futuros porque sabe dialogar com as contradições e problemas. Sua história aponta lições de cidadania e solidariedade. A solidariedade não tem bancada, busca encontros. Mobiliza.

A cada um(a) um convite: priorizar a saúde da vida, assumir desafios, valorizar a dignidade de todos, principalmente do Povo da Rua (nada fácil). Este é o caminho da verdadeira cidadania. Uma cidadania que humaniza, mediante compromisso de união, libertação e esperança. Sem solidariedade, congelamos a convivência e a amizade social. Amor, mais que conquista, é dádiva lapidada. É construção de sujeitos.

O desafio de mudar a situação de tantas “Vidas Secas” nas ruas, viadutos e escadas de igrejas é um compromisso histórico. É também desafiador lutar por outra ordem social, econômica e política. Seu trabalho com o pobre, Pe. Júlio, mostra que o que “afeta a vida de um ser humano, diretamente, afeta a vida de todos”.

**(Prof. Mauro Passos)**